

27-10-2022

PÚLPITOS, FANATISMO E FRAUDE ELEITORAL

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

A única explicação para a conduta irracional de muitos eleitores religiosos nestas eleições é aquilo que vulgarmente é chamado de lavagem cerebral: um conjunto de técnicas de sugestão e de manipulação mental que suspende a capacidade de julgamento das pessoas. Curiosamente, a lavagem cerebral surgiu no meio evangélico, em 1735, em razão do modo como o pastor Jonathan Edwards conduzia a sua pregação. A pregação de Edwards levava os fiéis a um estado de transe e sugestão, com uma incorporação de culpa tão grande que os efeitos eram a conversão dócil imediata e às vezes, pela intensidade do conflito mental provocado, até o suicídio. As técnicas oratórias desse pastor americano agiam nas emoções dos indivíduos ou grupos até eles alcançarem um nível anormal de raiva, medo, excitação ou tensão nervosa que inviabilizava a capacidade de julgamento tornando-os meros cativos do pastor. Aqui no Brasil as igrejas evangélicas, sobretudo as neopentecostais, desde a origem, têm abusado dessa retórica inflamada que embute culpa, provoca terror e medo nos fiéis. A base da fidelidade não é a consciência atenta e a compreensão atilada dos valores cristãos, mas justamente a impossibilidade de enxergar a realidade.

Os pastores como que sequestram a subjetividade dos fiéis e em lugar ofertam o que querem que concordem, façam e sigam.

Boa parte desses líderes religiosos enveredou pela política partidária e, sob a ordem dos meandros do poder, busca conduzir seus rebanhos para as urnas com o fim de elegerem políticos aliados de seus interesses. A quantidade de pastores evangélicos declarados que atualmente se aventuram nos caminhos da política é imensa e nos faz pensar em até que ponto os votos que esses líderes e seguidores recebem não são produto da hipnose que engendram em seus rebanhos a partir dos púlpitos de suas igrejas. Essa gana por poder político que mobilizou parte da comunidade religiosa, sobretudo a neopentecostal nas últimas eleições é relativamente recente, teve início nos anos de 1990, mas faz parte de uma tendência cristã fundamentalista que existe há bastante tempo. Esse evangelismo político do Brasil é a importação da corrente cristã norte americana chamada “nacionalismo cristão”. Esse nacionalismo religioso visa a instauração de um estado regido por uma agenda cristã conservadora como determinante da identidade do país.

Nesse sentido, o princípio democrático de respeito à diversidade cultural e à pluralidade religiosa tende a ser rechaçado por pautas morais e de costumes em desacordo com as mais diversas manifestações da cultura brasileira. Segundo Paul D. Miller, na revista *Christianity Today*, “o nacionalismo cristão carrega o nome de Cristo para uma agenda política terrena, proclamando que seu programa é o programa político para todo cristão verdadeiro”.

Pelo que tudo indica, “cristão verdadeiro” é apenas aquele que embarca na aventura autoritária e delirante dessa gente avessa à democracia. A arquitetura desse fundamentalismo espiritual vem sendo desenhada há muito tempo por grupos de fanáticos que, na atualidade, encontram representação no movimento de intervenção mundial chamado *The send*, cujo propósito delirante é dominar o mundo com um levante global de enviados evangélicos. A guerra santa que se vê ensaiada nestas eleições é a investida mais feroz de que se tem notícia dessa ideologia da intolerância no terreno político tupiniquim. O nome “Guerreiros da oração” dado aos grupos organizados nas igrejas evangélicas Brasil afora, para atuar nas eleições, já demonstra o viés bélico das ações dessa onda evangélica. Os tais guerreiros seguem na contramão dos ensinamentos do pacífico e solidário Jesus Cristo do Novo Testamento, daí se tira a dimensão da manipulação mental a que são submetidos.

De certo modo, uma vez que boa parte das comunidades evangélicas do país se formou a partir de práticas de sugestão e de lavagem cerebral, pode-se dizer que as eleições do primeiro turno foram fraudadas pelos púlpitos dessas igrejas. Isso explica porque pessoas desconhecidas, inexpressivas e de má reputação, como o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, foram eleitas. No Rio de Janeiro, Pazuello teve a maior votação do estado para deputado, assim como a anacrônica Damares Alves obteve inacreditáveis 600 mil votos para senadora no Distrito Federal, sem sequer ser moradora do Cerrado. Esses casos e as viradas de votos racionalmente impossíveis em quase todo o território brasileiro ilustram a manipulação religiosa com fins políticos ocorrida no primeiro turno das eleições. Em 2022, pelo que se vê, as *fake news* pegaram o caminho das igrejas e mobilizaram um exército de inocentes, como se fossem zumbis, contra a democracia. O engajamento de pastores brasileiros na onda autoritária e fanática de domínio político do mundo vem causando discórdia e deserção no meio evangélico também.

Na semana decisiva um conhecido se afastou da igreja.

Bastante revoltado com a situação, usou uma expressão dura para criticar o envolvimento dos evangélicos com a politicagem. Disse que algumas igrejas estão parecendo uma crackolândia espiritual.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.